

TERRITORIALIDADES, CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E PERSPECTIVAS DE LUTA

**TIAGO SIQUEIRA REIS
EVÂNIO MASCARENHAS PAULO
ORG.**

Tiago Siqueira Reis
Evânio Mascarenhas Paulo
Organizadores

**Territorialidades, conflitos
socioambientais e perspectivas de
luta**



Pantanal Editora

2025

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com e Microsoft Copilot. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Profa. Dra. Patrícia Maurer
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Prof. Dr. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Ugur Azizoglu
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Profa. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
UEMA
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
Sec. Mun. de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe
Universidade Kayseri, Türkiye
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T327

Territorialidades, conflitos socioambientais e perspectivas de luta / Organização de Tiago Siqueira Reis, Evânio Mascarenhas Paulo. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2025.
264p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-48-8

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756488>

1. Território. 2. Geografia política. I. Reis, Tiago Siqueira (Organizador). II. Paulo, Evânio Mascarenhas (Organizador). III. Título.

CDD 320.12

Índice para catálogo sistemático

I. Território



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

A região amazônica terá centralidade na obra, no entanto, procuraremos apresentar ao leitor trabalhos que tratem de assuntos mais gerais que estejam relacionados a Territorialidades, Conflitos Socioambientais e Perspectivas de Lutas, como por exemplo, debates teóricos e metodológicos, estudos e ensaios sobre ecologia política, mudanças climáticas, agronegócio, agroecologia, povos tradicionais, capitalismo e meio ambiente, reforma agrária, mineração, garimpo, saúde, bem como todos aqueles assuntos que impactam diretamente na vida das populações da região da Amazônia brasileira e internacional. A ideia é gerar reflexões que conectem a Amazônia aos debates mais gerais e estes a Amazônia. Portanto, não é obrigatório o texto trabalhar especificamente sobre a Amazônia.

Sumário

Apresentação	4
Capítulo 1	6
Saúde e Controle Social na Amazônia: Espaços a Ocupar	6
Capítulo 2	16
El desconcierto del neoliberalismo latinoamericano.....	16
Capítulo 3	31
Desafios políticos, epistêmicos e metodológicos do mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil.....	31
Capítulo 4	62
Geografia do narcotráfico e facções do crime organizado na Amazônia.....	62
Capítulo 5	76
Marxism and the environment: the issues	76
Capítulo 6	100
Identificação de forçantes socioambientais atuantes no aumento de vulnerabilidades em comunidades da Bacia Amazônica	100
Capítulo 7	126
Mineração em terras indígenas: quatro lentes conceituais para contribuir com o debate no Brasil.....	126
Capítulo 8	139
As cerimônias rituais do noroeste amazônico: na perspectiva da sustentabilidade do patrimônio territorial ..	139
Capítulo 9	157
Conflitos socioterritoriais e pandemia de Covid-19.....	157
Capítulo 10.....	179
Como deter o trem do progresso? O Fórum Social da Pan- Amazônia e as lutas sociais (2002-2014)	179
Capítulo 11.....	192
Ecosocialismo, uma proposta concreta.....	192
Capítulo 12.....	213
America Latina: la Simplificación Territorial.....	213
Capítulo 13.....	238
A criminalização da homofobia no Brasil: a ADO 26 e a omissão legislativa	238
Capítulo 14.....	249
A geografia em ruínas dos grandes projetos na Amazônia: a mineração e os processos de territorialização de exceção	249
Índice Remissivo.....	263
Os organizadores	264

As cerimônias rituais do noroeste amazônico: na perspectiva da sustentabilidade do patrimônio territorial

Recebido em: 21/01/2025

Aceito em: 27/05/2025

 10.46420/9786585756488cap8

Justino Sarmento Rezende 

ABRINDO A CONVERSA

Tratar de um tema tão caro e relevante aos povos originários do noroeste amazônico²⁹, para alguém que está afetivamente ligado como membro destes povos, é um compromisso de mostrar aos leitores que as cerimônias rituais são esteios que garantem a sustentabilidade da diversidade de povos e dos territórios. Os conteúdos apresentados neste capítulo entram em contato com as pessoas de diferentes origens que detêm diversos conhecimentos. Ofereço os conhecimentos da família linguística tukano oriental a outros povos, estes, podem complementar com os conhecimentos de seus ancestrais.

Durante a minha trajetória histórica fiz o trabalho de conhecer-me e assimilar os diversos conhecimentos de meus avós, aceitei, sistematizei e divulguei para as diversas sociedades. No contato com outros povos e no reencontro com os meus parentes aprendi diversos conhecimentos dos povos originários e de outros povos. Na região do noroeste amazônico habita a família linguística tukano oriental, composta de vários povos que emergiram do fundo d'água, em língua tuyuka, dizemos: Pamuribasoka.³⁰ Eles não emergiram de uma só vez, mas emergiram várias vezes, seguiam o movimento de saírem para foram d'água e se locomoverem no fundo do rio, no ventre da Cobra-Canoa, em língua tuyuka se diz: Pinoyokosoro. Os lugares das paradas para saírem na terra são denominados, em língua tuyuka de: Pamuriwiseri. Na literatura antropológica da região do rio Negro, também denominam de Casas de transformação.

O presente tema para os povos originários do noroeste amazônico e para os seres cósmicos possui profunda importância. Ele discute os papéis de nossas Casas originárias (patrimônio), dos seres cósmicos (biodiversidade), dos mapas xamânicos (territorialidade) e nossas relações com diversos povos (interculturalidade). Na atualidade todos os povos estão no processo de interação entre os diversos povos e os seres cósmicos. Assim todos trocam seus conhecimentos que têm sustentado por muitos séculos. O compartilhamento dos conhecimentos ajuda-nos na construção da cosmovisão e cosmovivência.

²⁹ Refiro-me à região fronteira entre o Brasil e a Colômbia.

³⁰ Alguns povos da família linguística tukano oriental: Tuyuka, Tukano, Bará, Barasana, Desana, Makuna, Piratapua, Wanano, Kubeu, Karapanã, Arapaso, Tariano, Mirititapua.

Nas últimas duas décadas eu tenho buscado repensar a minha história e a existência de outros seres cósmicos, pois entendo que não é suficiente conhecer os ensinamentos das pessoas, mas precisamos criar a conexão de práticas boas com outros seres cósmicos. Dessa maneira podemos aprender outras estratégias de superação dos problemas que surgem continuamente. Eles, detêm caminhos de adequação às profundas e intensas transformações ecológicas que atingem aos diversos seres cósmicos. Para os Tuyuka diversas formas de criar conexão de conhecimentos com os seres cósmicos vêm pelas cerimônias rituais.

O artigo trata de maneira simples os cinco temas interligados nas cerimônias rituais: Pamuribasoka-Ŭtâpinopona, origens do povo Tuyuka e demais povos da família linguística tukano oriental; Basamori-cantos/danças que contribuem na sustentabilidade e continuidade da existência dos povos; Basawi-Casa cerimonial é Casa onde acontecem as cerimônias para garantir a proteção e o cuidado dos seres cósmicos, incluindo a pessoa; a cosmovisão dos povos originários do noroeste amazônico sobre a organização cósmica da vida; relevância dos papéis das mulheres.

PAMURIBASOKA – ŬTÂPINOPONA (FILHOS-DA-COBRA-DE-PEDRA)

A Cobra-de-Pedra aparece nas narrativas do surgimento dos chamados Pamuribasoka (povos que surgiram d'água). A narrativa de nossas origens conta-se que a Cobra-de-Pedra antes era um Bupó (Trovão), considerado como avô dos Pamuribasoka. Bupó trouxe do patamar do alto, no seu ventre, os enfeites de danças que os Pamuribasoka utilizam até aos dias de hoje, nas cerimônias de cantos e danças. Bupó, chegando no patamar-terra mergulhou-se num grande lago, denominado em língua tuyuka, de Ōpekōtaro (Lago de Leite). Conforme os especialistas do noroeste amazônico é o lago situado ao pé da serra Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro/Brasil. Nesse lago Bupó transforma-se num Pinó (Cobra). Na narrativa cerimonial ele recebe vários nomes, em língua tuyuka: Ŭtâpino (Cobra-de-Pedra); Pino yokosoro (Cobra-Canoa); Pamuri yokosoro (Canoa que boia). A literatura antropológica do rio Negro também denominou de Canoa de Transformação ou Cobra de Transformação.

Pino yokosoro segue sua longa viagem, partindo do Ōpekōtaro, veio beirando a costa do Oceano Atlântico, depois seguiu a viagem pelo Rio Amazonas, Rio Negro e Rio Uaupés (afluente do Rio Negro). Essa Cobra traz no seu ventre os enfeites e adornos de danças. Eles, ao longo da longa viagem assumirão a forma humana até sair do fundo do rio, na Cachoeira de Ipanoré, no Rio Uaupés. São chamados de Pamuribasoka, pois ao longo da longa viagem essa Cobra fazia suas paradas em certos pontos e se rolava para fora da água e os Pamuribasoka em formação saíam do ventre. A própria Cobra era um especialista de xamanismo, em cada parada ele realizava a cerimônia específica em cada parada. Essas paradas são conhecidas por Pamuribasoka, em língua tuyuka, de: Pamuri wiseri (Casas de emergência, Casas onde boiamos, Casas onde saímos d'água). Barreto (2018, 47), explicou:

Os locais de parada da embarcação são conhecidos pelos Tukano como *pamuri wisseri* (“casas”), nomeadas e respeitadas como detentoras da história humana, da trajetória e formação dos povos, bem como de um repositório de acervo material e imaterial dos diferentes grupos e povos que vivem na região do Alto Rio Negro.

A Cobra-Canoa faz parte do patrimônio de conhecimento dos povos do noroeste amazônico. As pinturas feitas nos esteios e paredes do Basawi (casa de canto/dança; maloca) são desenhos que aparecem na pele da Cobra. As cores e os traçados da Cobra dão muitos significados nas pinturas corporais, nas pinturas de artesanatos, dos esteios da maloca, bastão de danças, nas cuias, traçados da pele de Cobra aparecem aos homens sob o efeito do consumo da bebida ayahuasca. Assim, o Bupó está presente todo o tempo com os seus netos, acompanhando-os em suas vidas, nas danças, nas pinturas, nas bebidas, nas músicas, nas danças, etc.

Na cachoeira de Ipanoré existe um grande buraco na pedra. Segundo a tradição dos povos do noroeste amazônicos lá os Pamuribasoka saíram mesmo do mundo das águas. Ao redor desse buraco aparecem as marcas dos pés dos Pamuribasoka que saíram. A partir da saída na Cachoeira de Ipanoré, cada povo (etnia) seguiu sua própria trajetória. Tenório (2012, 47-48), diz:

O ancestral dos Tuyuka, Filho da Cobra de Pedra, continuou subindo o Uaupés, até alcançar a cachoeira de Yurupari (*Sunapoea*), de onde “emergiram da água” (*pamunitia*). Quando surgiram neste local, no alto Uaupés, ainda não eram completamente humanos, era como os “espíritos sobrenaturais” (*pamurikoapona*).

Cada povo possui modo próprio de organização social e está conectada com muitas vidas cósmicas. As cerimônias rituais são como as veias que correm no corpo local, regional, nacional e internacional. Na tese elaborada por mim, sobre a festa de frutas eu mostrei que as cerimônias acompanham cada ciclo de vida. Para realizar a cerimônia ritual de oferecimento de frutas precisa conhecer cada ciclo de floração, crescimento e amadurecimento das frutas, algumas delas são conhecidas na região do alto rio Negro: bacaba, patauí, açaí, cunuri, sorvinha, uirapixuna, ingá, pequiá, uacu, ucuqui, umari, japurá, pupunha, etc. A cerimônia ritual está bem ligada ao *tempo* de realização da festa de frutas. Os especialistas das cerimônias rituais conhecem a organização de cada tempo. As diversidades de pássaros, animais, insetos, lagartas, abelhas, formigas, peixes e todos os seres vivos estão conectados com a vida das frutas, pois eles também se alimentam das frutas. Eles mesmos servem como alimentos para outros seres.

As posições das constelações provocam períodos de chuvas, enchentes e vazantes de rios, aparecimento de certos tipos de peixes, insetos, lagartas diversas, floração e crescimento das frutas; revoadas de cupim, formigas, tanajuras, saúvas, aparecimento de animais de caça. Os nossos especialistas da família linguística tukano oriental deram nomes às constelações, conforme a sua compreensão. Cabalzar (2010, 31-35) que eu o citei na minha tese (2021, 49), apresenta o resultado da pesquisa realizada junto com os estudantes tuyuka. Cada constelação tem o nome de algum animal do patamar da terra. Na constelação *Jararaca* existem as frutas umari, ingá, jenipapo-do-rio (diawe), taquari (pahtiduhka), cucura e açaí; há floração da fruta japurá. Na constelação *Tatu* e *Ossô de Tatu*, amadurecem as seguintes frutas:

pupunha, bacaba, bueri³¹, bea, umari, cunuri. Na constelação *Jacundá*, há floração de jatobá, uacu, tucumã-do-rio, buhpo ori, waibia, ingá, japurá, umari, japurá-da-mata-virgem, ingá-de-rato, ingá-aracu, ingá-da-capoeira e abiu. Nesse período amadurecem as frutas: umari, a pupunha, o ucuqui, cacau-do-mato, jenipapo, waibia, açaí, bacaba, cucura, ahpoãduhka, pahtiduhka, sorva, ingá-jacaré, pakarô e sotaduhku. Na constelação *Camarão*, aparecem as frutas japurá, umari, açaí, ingá-rato, ingá-aracu, wirimere, jatobá e abiu; ucuqui, abiu-de-remo (do igapó), theô (do mato (tipo de castanha), ñere, pupunha madura, açaí preto e não, cacau do mato maduro, umari caindo, tucumã-do-rio maduro e verde, cucura preta. Na constelação *Onça*: estão maduras: bacaba e açaí-do-igapó. Começam a florir: umari, caju, japurá, pupunha, uacu, wai-oari; cunuri, wahso, pahtiduhka, ahpoãduhka, japurá-grande. Na constelação *Ñobkoatero*, florescem bacabas, uixi-do-mato, ingá e, entre as cultivadas, caju, cucura, abacate e jambo; duhkawu (peixes comem), ingazeiras do rio; já se encontram maduras: buriti, açaí-do-igapó, pupunha-d'água e jenipapo-do-rio. Na constelação *Wai Kahsa* e *Sio Yahpu*, florescem as ingazeiras próximas às casas, ingá-macaco-barrigudo, açaí-do-pará e a bacaba; amadurecem: jatobá, o uacu, ahpoãduhka, wirimere, buriti, cucura, pupunha, jenipapo e bacaba-da-beira. Na constelação *Kai Sarirô* e *Garça*, florescem abiu, ahpoã, bueri, sorãsa; época em que ingá já está murchando; a pupunha começar a florir.

Os Kumua e os Bayaroa³² são conhecedores da conexão da vida humana com os seres cósmicos e dos perigos que circulam em torno de todos e de algumas vidas em particular. Eles fazem as cerimônias de proteção das pessoas contra as doenças que surgem em cada ciclo de constelações, de frutas, de peixes, pássaros, insetos, etc. Algumas doenças, segundo Cabalzar (2010, 31-35), surgem durante a constelação *Jararaca*, como as picadas de jararaca e ferimentos acidentais pisando nos tocos com ponta afiada. Na constelação *Tatu* e *Osso de Tatu*, surgem a malária, dor-de-cabeça, diarreia, abscessos ou furúnculos (bihpise). Na constelação *Jacundá*, surgem as dores reumáticas (dores nas costas, colunas, pernas...), wahkari, ataque cardíaco (tipo pressão alta), dor de cabeça, de barriga., tumores, vômito, diarreia. Na constelação *Camarão* surgem dohkesiãkease³³: torção muscular, dor de cabeça, pisada no toco, inflamações. Na constelação *Onça*: aparecem a diarreia, gripe, vômitos, malária e dor de cabeça. Na constelação *Ñobkoatero*: surgem a diarreia, vômito, gripe, dores de cabeça ou wahkari.

Como se pode perceber essa interligação serve para o bem e quando há desconexão somos afetados por doenças (dores de cabeça, acidente de trabalho, picada de cobra...). Por isso, os especialistas realizam as cerimônias contra essas enfermidades, pois segundo os especialistas (Kumua, Bayaroa, Yaiwa) são consequências dos desrespeitos dos povos originários aos seres cósmicos.

³¹ Vários nomes em língua tuyuka e tukano não foram possíveis de serem traduzidas.

³² Kumu faz a cerimônia de proteção, amansa, equilibra, cura a doença. Baya: canta e dança. Yai (sing.) e Yaiwa (plur.) é especialista em diagnosticar as doenças, curar e combater os causadores de doenças.

³³ Na tradução literal em língua tuyuka e tukano, querem dizer sobre as doenças graves que se adquirem de repente. Na atualidade poderia aproximar-se de AVC.

BASAMORI – CANTOS E DANÇAS

Os Bayaró, especialistas em cantos e danças, enfeitam-se com pinturas faciais e corporais com carajuru (wãrosoa). No rosto cada qual faz suas pinturas que representam as espinhas dos peixes, folha de açazeiro, aranha, etc. Nos seus braços e pernas as mulheres especialistas pintam com o líquido preto de jenipapo. Os Bayaró, eles mesmos, preparam os seus ornamentos: acangataras tecidas com tucum e enfeitadas com penas de pássaros Japu, tucano, papagaio, garça; chocalhos; dentes da onça. Dessa maneira os pássaros do território do noroeste amazônico vão se incorporar nos Bayaró e vice-versa.

Os Kumua (mestres cerimoniais) realizam sua cerimônia de nossa proteção com o tabaco para que as doenças não atinjam as pessoas nem aos seres cósmicos. Os Kumua planejam e realizam a cerimônia de preparação do m̃norõ (tabaco) de proteção. Pressentindo a aproximação das doenças, relembram como faziam os nossos ancestrais no interior do Basawí (maloca) e valorizam as cerimônias de proteção com o upe (breu) e m̃rorõ (cigarro). Dessa maneira tornam os participantes da cerimônia ritual, livres de doenças dentro do Basawí e dentro desse patamar (terra).

As cerimônias de especialistas anulam o poder dos seres das doenças (dores de cabeça, brigas, violência...) e os afastam para muito longe, nos outros patamares (alto/baixo) e/ou para os lugares de suas origens ou matam os seres das doenças. Nossos ancestrais estando longe de seus territórios originários não esquecem as tradições de nossos ancestrais. Realizam as cerimônias rituais para narrar as histórias de origem, aos seus filhos no Basawí cerimonial. Convidam os seus cunhados e fazem a cerimônia ritual para transmitirem as suas histórias de origem. Expressam o respeito existente entre si, fazem a cerimônia para comer o patu (ipadu), fumar o m̃rorõ (tabaco) e fortalecem a consideração de serem parentes e cunhados.

Os especialistas dos povos originários do noroeste amazônico ensinam aos filhos e netos que os perigos circulam em meio à floresta, movem com o movimento das águas, correm junto à circulação atmosférica e massa de ar, nas nuvens, multiplicam-se com o barulho dos trovões e se espalham rapidamente com os raios; expressam suas vidas com os movimentos das árvores; os seres das doenças se disfarçam com os odores das frutas, do cheiro forte (pitiu) dos peixes, do cheiro dos pássaros, dos animais, dos insetos, de formigas, lagartas, rãs, sapos e, também, dos seres invisíveis. Surgem, ainda com o fogo e a fumaça que os humanos realizam, com o movimento dos alimentos cozidos das panelas e os barulhos que provocam a reação dos lugares de origem.

As cerimônias de proteção dos Kumua são compreendidas na perspectiva dos interesses humanos, tratam-se diretamente à vida de outros seres cósmicos, procura aquietá-los. Muitas vezes os Kumua, pelas suas cerimônias, pretendem calar as vozes de outros seres, outras vezes os prometem alimentá-los com comida farta, como m̃norõ (tabaco, cigarro) para fumar, peyuru para beber e se embriagarem. No desejo extremo de acalmar as bravezas dos seres cósmicos, os Kumua quebram os dentes, cortam as suas línguas, deixam paralisados, furam seus olhos e os deixam cegos. Outras vezes,

expulsam-nos de suas casas de origem e os lançam fora de seus territórios, em outros patamares do alto e no mundo subterrâneo e os deixam trancados nesses patamares. Segundo Cayón (2012, 179):

Cada curación hace referencia a diferentes lugares dependiendo de la enfermedad de un paciente o si es para el ciclo vital de una persona, el ciclo anual y los bailes, para la prevención de enfermedades y accidentes, o para la fertilización de las diferentes especies, entre muchas otras cosas. Esto significa que cada curación sigue su próprio caminho, donde los lugares seleccionados con un asunto están asociados a otros de características similares, conectándose entre si en el Pensamiento y esos caminos no siempre son los mismos, ni siquiera para tratar una enfermedad igual, monandro los lugares y sus componentes en otro orde. También los chamanes deben conocer en detalle los nombres de los lugares y sus asociaciones para las distintas curaciones, pues de ello depende la eficacia del tratamiento; por eso, es obvio que quién más sabe sobre los lugares és más poderoso que los otros.

A presença dos Bayaroa (mestre da cantos e danças) dentro da casa cerimonial transmite diversos significados. Eles significam como o Basawi, esteios, caibros, cipós, palha de cobertura e casca das árvores que servem como paredes. Os adornos que usam na cabeça enfeitadas com penas e plumas de pássaros lindos do noroeste amazônico mostram que os cantores/dançarinos estão em conexão profunda com outros seres, tais como: araras vermelhas, araras azuis, japus amarelos, tucanos com penas pretas, amarelas e brancas. Estão se sentido leves e balançando as penas como as garças. Eles estão interligados com muitos seres cósmicos, não cantam nem dançam sozinhos. A biodiversidade dança e canta com os Bayaroa: pinturas vermelhas de carajuru, desenhos pretos pintados com líquido da folha de jenipapo, o cheiro de tabaco lhes inspira saberes ancestrais, o sabor adocicado do ipadu representa os sabores amazônicos e sabor travoso de ayahuasca representa os diversos conhecimentos difíceis e fáceis que vêm pelos sabores de cipós xamânicos da Amazônia.

A especialidade dos Bayaroa está bem ligada àquilo em língua tuyuka se denomina de Basamorĩ (trata-se de conjuntos de cantos e danças). Quando os mestres de cantos/danças sopram os instrumentos musicais, utilizam os bastões de ritmos, estão se relacionando com outros seres (gentes) de todos os patamares. Cada instrumento tem sua história de origem. Os coloridos dos rostos de todos os participantes da festa utilizam os desenhos e as cores das cobras, aranhas, folhas de açaí, espinhas de peixe, etc. A nossa vida tuyuka e as de outros povos estão conectadas com muitas vidas cósmicas.

Os instrumentos musicais, denominados em Basaminia, língua tuyuka, são as flautas cerimoniais (flautas), sopradas na festa de oferecimento das frutas. Meus parentes explicaram-me que existem dois tipos de flautas. Tem as flautas que não precisam passar pelas cerimônias de inserção de vida da flauta, permanecem somente uma matéria e são utilizadas para soprar sem exigência de seguir as dietas alimentares e outras restrições. Qualquer pessoa pode soprar por ocasião de festivais, de apresentações, etc. Nessa perspectiva compreendo quando os meus parentes Tuyuka e Desana, que habitam bem próximo da cidade de Manaus, que se organizaram em pequenas comunidades e com uma maloca. Na visita dos turistas, eles apresentam as danças com o sopro das flautas. Tanto quem sopra essas flautas como as pessoas que assistem não seguem dietas alimentares como prevenção de adquirir doenças para si e para a coletividade.

Segundo os meus parentes existe outro tipo de flauta que possui a vida (vitalidade, coração, alma, sentimento, emoção...). Eles ensinam que não se pode brincar com essas flautas-gentes, flautas-xamãs e flautas-mestres de danças. Os homens que sopram essas flautas são homens que já foram iniciados para serem sopradores especializados. Eles fazem abluções d'água como fazem os Bayaroa (mestres de cantos/danças). Fumam o tabaco e o ipadu que passou pela cerimônia de ativação de poderes de proteção por parte dos Kumua. Durante o tempo de utilização das flautas e após concluir a cerimônia, quem soprou essas flautas não se alimentam (peixe, carne, frutas, beiju, farinha...). Só se alimentam depois que o Kumu faz a cerimônia de ativação de poderes de proteção à vida dos sopradores dos instrumentos, com pimenta e o sal.

As pessoas não iniciadas (crianças, adolescentes, adultos e mulheres) não assistem a cerimônia de sopro com as flautas que já passaram pela cerimônia do Kumu. Um parente tuyuka, olhando para mim, que sou um sacerdote, disse: as flautas podem ser comparadas como as hóstias não consagradas e hóstias consagradas. A relação da pessoa com a hóstia não consagrada é de respeito, pois ela remete a um significado do sagrado, embora não tenha passado pela cerimônia de consagração por parte dos especialistas (ministros ordenados: sacerdotes). Já a hóstia consagrada apresenta-se ao crente (cristão) não somente como uma matéria, mas como corpo de Cristo. Sendo assim, exige respeito, devoção e conexão com o Corpo de Cristo para pessoas já iniciadas (fizeram a primeira eucaristia).

Outros instrumentos interligam os seres cósmicos. O instrumento de batida, denominada de yukubesugu em língua tuyuka, é o lança-chocalho. É um instrumento que o Baya (mestre de cantos/danças) utiliza para anunciar o início da cerimônia de dança e também das partes importantes de narrativas de história de origem. Outros instrumentos são todos relacionados à biodiversidade, como o maracá da cuieira, cariço da flauta-pã, flauta de osso de veado, flauta de osso da onça, casco de caracol, casco de jabuti e outros. Para cada instrumento existe especialista. Existem cantos que são cantados por homens e outros cantados pelas mulheres. Todos juntos são considerados Bayaroa.

BASAWI – CASA CERIMONIAL

Basawi, em língua tuyuka, significa a Casa de cantos/danças. A literatura antropológica do Rio Negro e os missionários católicos deram o nome de maloca. Para os povos originários do noroeste amazônico Basawi traz consigo a conexão com a biodiversidade. Os esteios fincados para segurar o Basawi têm seu fundamento no patamar mais profundo que é o patamar do subterrâneo, ultrapassa o patamar do meio que é a terra, da ponta de cima está fincada no patamar das alturas, junto às constelações, sol, lua, trovões e nuvens. Os caibros colocados na estrutura óssea da casa cruzam do lado nascente do sol e no lado do sol poente. Outros caibros cruzam do lado oeste e leste. Os caibros da casa são considerados como as costelas da Cobra-de-Pedra. O esteio da cumeeira é considerado como osso da costa (coluna vertebral) da Cobra-de-Pedra. As palhas que cobrem o Basawi e as cascas de madeira que servem de paredes do Basawi são peles da Cobra-de-Pedra.

Basawi só possui duas portas: uma porta do sol nascente e porta do sol poente; porta do sol nascente representa a boca da Cobra-de-Pedra; a porta do sol poente representa o ânus da Cobra-de-Pedra. Durante a realização das cerimônias rituais, a porta do sol nascente, é a porta de entrada e saída dos homens; a porta do sol poente, é a porta de entrada e saída das mulheres. A porta do sol nascente representa o nascimento e a porta do sol poente representa a porta de saída desse mundo (morte).

As cascas das árvores que servem como paredes do Basawi e provêm das árvores que fazem parte das narrativas de origem dos Pamuribasoka, da mesma maneira as palhas usadas para a cobertura. As palhas são tiradas seguindo o ciclo das constelações, tempo que garante a durabilidade de palha. Antes de buscá-las o Kumu faz a cerimônia (com tabaco; breu) de pedido de permissão aos donos,³⁴ pois quando não a realiza as pessoas que buscam as palhas podem ser atingidas pelos ferimentos, dores de cabeça, picadas de cobra, etc. Segundo a explicação de nossos sábios são consequências do desrespeito com os lugares onde se tira as palhas.

No mundo atual surgem diversas doenças e atingem as pessoas e aos seres cósmicos, também são resultados da destruição das florestas (monocultura, agropecuária...), destruição dos leitos dos rios (mineração), matam os animais, insetos, poluindo os rios, etc. As expressões das revoltas desses ecossistemas são as grandes enchentes e secas; intensas chuvas que causam desmoronamentos, elevado aquecimento global que descontrola e cria desequilíbrio cósmicos. Também os habitantes das aldeias são atingidos e questionam o porquê das mudanças que estão acontecendo, ficam confusos, pois o calendário dos ciclos das vidas não segue mais como no passado. As cerimônias rituais servem para restabelecer o bom funcionamento dos ciclos da vida cósmica: que o tempo de verão e da enchente de rios sigam no tempo próprio, épocas de floração e amadurecimento das frutas siga no tempo previsto, para facilitar a organização da caçaria, organização das festas, visitas aos parentes, etc. O calendário das constelações regula a vida das pessoas e suas atividades, regula o ciclo de vida feminina (fertilidade, gravidez). Os ciclos de vida das florestas, dos peixes, animais e outros seres são semelhantes aos ciclos da vida humana.

BUREKO WATOTIRE³⁵ – TEMPOS CÓSMICOS

Bureko watotire trata-se dos ciclos das vidas cósmicas, compreensão da organização da vida, o conhecimento teórico e prático da existência e a vivência festiva dessa compreensão por meio de diversas cerimônias. Tradicionalmente os conhecimentos relacionados ao Bureko watotire são transmitidos pela oralidade e prática cerimonial. Nas últimas duas décadas, os meus parentes criaram uma escola (1999s), visando a revitalização, fortalecimento dos conhecimentos ancestrais e colocá-los em prática através das cerimônias rituais e nas práticas de vida cotidiana.

³⁴ No nível cerimonial (xamânico) os lugares dos onde se tira as palhas são considerados como “donos” das folhas. Diz-se mãe e avós da palhas.

³⁵ Em língua tuyuka, bureko = dia ou tempo; watotire = divisão, organização, partes do tempo.

Os estudantes de ensino médio e os seus assessores (profissionais não indígenas), utilizaram o método de pesquisa de observação diária da dinâmica do ciclo da vida, movimento das constelações, das enchentes de rios, épocas de verão, dinâmica da vida dos peixes, dos insetos, dos pássaros, das fruteiras, etc. Organizaram mapas descritivos desses ciclos de vidas e suas influências na cultura tuyuka. Cada ciclo apresenta diversos fatores que garantem a existência da vida da vegetação, fruteiras, frutas, pássaros, insetos, formigas, abelhas, peixes, macacos, porcos do mato, paca, anta, tatu, cutia, etc.

Os ciclos cósmicos também apresentam diversos riscos à saúde das pessoas e de outros seres. Para a pessoa esses riscos continuamente estão bem próximos: picadas de jararacas, acidentes de trabalho, ferimento, febres, dores de cabeça, dores de estômago, dores de coluna, dores de joelhos, etc.). Os nossos sábios são aqueles que diagnosticam a origem de doenças, causadores de doenças, lugares de origem das doenças, conseguem, por meio de suas práticas de cura, restabelecem a saúde das pessoas atingidas pelas doenças.

Os seres da floresta (pássaros, macacos, borboletas, cabas, abelhas, jararacas, etc.), seres aquáticos (peixes grandes e pequenos, camarões, caranguejos, animais de cascos, jacarés, cobras, etc.) são considerados por nossos avós como seres em conexão com todas as vidas, inclusive com as pessoas. A vida das pessoas sem conexão com as vidas de todos os seres cósmicos não teria força para desenvolver seus conhecimentos para criar diversos modos de resistência, luta e superação em confronto com todos os seres cósmicos.

As pessoas estão conectadas ao patamar do alto, onde residem as constelações (estrelas, sol, lua, nuvens, chuvas).³⁶ O patamar do meio, onde as pessoas habitam e o patamar do subterrâneo que servem de alicerce do patamar do meio. O subterrâneo é composto de diversidade barros, argilas, seixos, pedras, minérios, ouro, etc. Os minérios estão conectados diretamente aos raios solares, do brilho do sol, dos raios e relâmpagos que o trovão causa quando os minérios são destruídos, arrancados de sua casa de origem.

As constelações regem o movimento do cosmo e seus patamares. São eles que provocam o tempo da chuva, da chuva surge as enchentes. Os meus parentes entendem a importância da interligação com a água, floresta, etc., para garantir bom funcionamento de vida. Hoje é mais fácil compreender, pois na falta de algum elemento e vida da biodiversidade causa o desequilíbrio/desastre ecológico. As enchentes têm sua finalidade de gerar a vida para os seres que habitam esse patamar, facilita o deslocamento de diversidade de peixes de diferentes lugares para as regiões mais difíceis, encachoeiradas. As enchentes são tempos especiais para as cerimônias festiva dos peixes que se denomina de piracema: aparecimento e desova de peixes.

³⁶ Barreto, J. (2018, 70) refere-se ao patamar do alto, como *Ome Pati* (Espaço Aéreo): é o conjunto de elementos que constitui o espaço aéreo. Os *wai-mahsã* que habitam nesse espaço são denominados de *omemahsã*. Os principais são: *Muhipo mahsã* (Homem-sol), *Buhpó-mahsã* (Homem-trovão), *Nokoã mahsã* (Gente-constelação).

Existem outros seres como as rãs, alguns tipos de pássaros, mexilhões que transformam em peixes comestíveis na região amazônica. Essa descrição parece muito esquisita e estranha para quem não é povo originário dessa região. Para nós que nascemos, crescemos e vivemos nessa região é uma realidade constatada e aceita. Os sábios, do noroeste amazônico, conhecem a origem de diversos tipos de peixes. Na atualidade continuamente se trata do tema da biodiversidade e os povos originários possuem modos próprios de compreendê-la. Ela não se restringe somente na manifestação das diversidades das vidas, mas mostra explicar como as vidas se organizam e como se relacionam com outros seres e as pessoas.

As pessoas entendem os seres cósmicos como gentes interagindo continuamente ao longo dos ciclos de vida, durante a gestação da mulher, nascimento de uma criança, ritual de assepsia de comidas e bebidas, na primeira menstruação e outras menstruações femininas, nos rituais de iniciação dos jovens, pós-cerimônias rituais de cantos e danças. São momentos em que as pessoas estão mais expostas frente as gentes cósmicas, que podem se sentir ciúme da pessoa, homem e mulher, podem causar algumas doenças como dores de cabeça, de estômago, cólicas, sangramentos para as mulheres, dores de colunas, reumatismo, etc. Os especialistas conversam com os seres cósmicos que denominamos de Waimasã, evocam respeito por parte deles, pois todos são parentes, primos, cunhados, avós, netos, etc. Barreto (2018, 50), assim trata dos Waimasã:

Os *waimasã* são seres que possuem as mesmas qualidades e capacidade dos humanos, inclusive sua morfologia, mas que não são visíveis pelas pessoas comuns na vida cotidiana. Eles só podem ser vistos por um especialista (xamã) ou em sonhos. São os responsáveis, guardiões ou protetores dos lugares, paisagens e espaços onde estão e circulam todos os seres

As mesmas considerações que utilizamos entre as pessoas são transferidas para as nossas relações com os seres cósmicos.³⁷ Eles e nós transitamos nos mesmos espaços, vivemos nas casas deles e eles vivem em nossas casas. Nossos especialistas na realização das cerimônias protegem as nossas casas e as casas deles, nossas roças e roças deles, nosso rio/igarapé de pescaria e deles, as frutas que nós alimentamos e que eles alimentam, também. Os mesmos rios dos peixes, dos seres aquáticos é também o rio que usamos.

À nossa maneira de compreensão cósmica, muitos cientistas não compreenderão, se entenderam não aceitarão como ciência tuyuka. Os cientistas da ecologia, biologia, arqueologia, enfermagem, medicina, etc., não compreendem os conhecimentos dos povos originários como ciências. Sem dúvida não há como igualar os conhecimentos indígenas com os conhecimentos científicos ocidentais. Os conhecimentos tuyuka estão num patamar diferente do patamar dos conhecimentos científicos ocidentais.

³⁷ João Paulo Lima Barreto (2018:73) indica três tipos de gentes que são considerados Waimasa: *Waimasã*: seres super-humanos, donos e protetores dos lugares e dos seus “animais de estimação”. *Nukurimasã*: criaturas humanoides que perambulam pela floresta. *Yokumamasã*: animais que vivem nos diferentes espaços, no solo, no subsolo nas árvores e no ar.

NUMIÃ MASIRÊ – CONHECIMENTOS DAS MULHERES

Desde a cerimônia de nomeação o Kumu fornece-lhe os materiais para construir a vida feminina. Um dos espaços femininos é o da roça e tudo o que nela está cultivado. Na sua primeira menstruação renova-se a cerimônia de nomeação, assim cada vez mais ela constrói a dignidade feminina. As mulheres e as roças estão interligadas. Entende-se, no nível xamânico, que as mulheres são mães das roças e roças as suas filhas. Segundo Diakara: “a planta de mandioca tem correspondência com o corpo da mulher: as folhas têm a aparência das mãos, o caule corresponde à sua coluna vertebral, as raízes são suas pernas”. A boa quantidade de mandioca e de tudo aquilo que se produz na roça representa a fertilidade feminina. Diakara (2021, 233), assim refere sobre as especialidades das mulheres:

As mulheres são especialistas e conhecedoras das plantas cultivadas de maniwa, elas seguem um calendário específico para controlar a época da plantação de mandioca, selecionando cada tipo de planta, que pode ser cultivada em cada tipo de terra: *dibta ñirô* (terra preta), *dibta wabro* (arenosa) e *dibta wĩitârô* (argilosa).

A mulher aprende e guarda consigo os conhecimentos da boa utilização das plantas (folhas, raiz, casca) como forças ativadoras para o bom crescimento da plantação (maniva bonitas e mandiocas grandes). Os mesmos conhecimentos aplicados afastam os seres cósmicos (gafanhotos, minhocas, lagartas...) que podem causar o estrago das plantas e ao apodrecimento das manivas e mandiocas. Alguns conhecimentos as mulheres compartilham entre as mulheres e fazem as trocas de conhecimentos.

As técnicas de preparação da bebida peyuru (bebida fermentada derivada da mandioca; bebida caxiri) são próprias das mulheres. Há conhecimento do tempo certo para cozinhar bem o caldo da mandioca para eliminar o efeito asfíxiante que pode causar dores de cabeça, diarreias e até mesmo causar óbito. Preparam beiju fininho e torra-se até ficar bem crocante para ser mastigado. A massa mastigada transforma-se em bom material para a fermentação do peyuru. Segundo os conhecimentos que nossos avós nos ensinaram a salivação da mastigação (sabor doce da saliva) acelera a fermentação e eleva o teor alcoólico da bebida. O peyuru de boa qualidade contribui para os mestres de cantos e danças realizem bem as suas cerimônias, façam boas narrativas de histórias de nossas origens, os jovens e as mulheres soprem boas melodias e dançam incansavelmente. Sobre a fermentação, em língua tuyuka se diz: *sinirê niñare* = bebida bem fermentada.

Utãpino=Cobra-de-Pedra, conforme os conhecimentos xamânicos, gera a fermentação. Quem bebe peyuru, sob o efeito da embriaguez, enxerga os desenhos e as cores que têm na pele de uma cobra. Quando o Kumu consegue fazer boas cerimônias, os dançarinos e cantores se sentem inspirados ao longo de suas danças e os movimentos das danças que parecem o movimento de uma cobra. Os especialistas em discursos realizam bem as narrativas, com variações de entonações entre o primeiro que fala e outro que responde. O Kumu também corta os efeitos na medida que as pessoas já conseguiram acessar aos conhecimentos. Ele é responsável de eliminar os efeitos negativos da bebida como as tonturas, dores de cabeça, ânsia de vômito, diarreia, etc. Rezende (2021, 173), explica assim:

Os *Kumua* conhecem os odores (*umutise/stitise*) das árvores: odor de acidez (*kause*), sabor de salgado (*yaro*) e odor de pitu (*moastiro*). Para os *Kumua*, tais odores e sabores estão em conexão com os seres do universo, incluindo a pessoa humana. Nas cerimônias, os *Kumua* eliminam os odores aqui referidos (*kause*, *yaro*, *moastiro*) e em seu lugar inserem no cocho de caxiri o cheiro e a espuma de leite materno (*ôpekô sopori*) e a espuma de suco doce (*kâraiko sopori*). Eles eliminam do pote de caxiri (*perutu*) o sabor salgado (*moã yaro*), odor de pitu (*moastiro*) e mau odor (*urirô*) e, em seu lugar, inserem o sabor doce (*ipitise*) e o sabor de suco de fruta doce (*kâraiko*).

Os cochos e camotins, onde se depositam a bebida peyuru são importantes, por isso, eles também recebem a cerimônia para gerarem boa fermentação. As mulheres conhecem as exigências de terem bons materiais de preparação e bons depósitos para atingir o bom nível de fermentação. Algumas mulheres levam tão a sério que fazem dietas alimentares nos dias de preparação da bebida. O Kumu, com sua cerimônia insere como efeitos da bebida, os movimentos das formigas (movimento brilhoso), bolhas das águas. Outros efeitos da fermentação são efeito de movimentos das cobras, cheiros e odores (adocicado, travoso...), retira os cheiros de fedor, salgado, pitu, são cheiros que podem causar vômitos aos bebedores.

Os conhecimentos da mulher são importantes no campo das cerimônias de cantos e danças. A mulher é par principal da dança, não há uma música e dança sem a participação da mulher. Nos cantos e danças cerimoniais existem mulheres especialistas que acompanham os mestres de danças, cada uma acompanha um mestre de dança, do começo ao fim da dança, não pode ficar trocando de par. Algumas mulheres são especialistas em fazer entonação com a sua voz para complementar os cantos dos mestres de cantos. Ela é especialista como os mestres de danças. Quando a mulher se torna boa entoadora da voz, consegue prologar bastante a sua entoação. Os nossos sábios falam que desde a cerimônia de nomeação o Kumu já colocou nela essa capacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade os descendentes dos povos originários do noroeste amazônico e de outras regiões têm muito a contribuir com as sociedades nacionais e mundiais com os conhecimentos próprios de seus ancestrais em diversos campos acadêmicos e científicos: ecologia, antropologia, biologia, medicina, enfermagem, etc. As diversas cosmovisões dos povos originários com as florestas, cipós, ervas, águas e os seres cósmicos proporcionam-lhes conhecimentos medicinais para sarar as feridas, dores de estômago, cabeça, coluna, reumatismo, picadas de jararacas e outros animais peçonhentos, ferradas com esporões de peixes, etc. Com as resinas e óleos das árvores realização a defumação para afastar carapanãs, insetos, moscas, etc. Com a argila preparam pratos, panelas, buzinas para as festas. Muitas pessoas vendem esses materiais para quem quer comprar. As diversidades de minhocas, gafanhotos, cabas, formigas, sementes das frutas servem como iscas para pescar e alguns deles servem como alimento para as pessoas e outros seres.

Os povos originários e os seus conhecimentos são propostas de cuidado da vida, da saúde, da sustentabilidade. As aldeias devem continuar cada vez mais campos de pesquisa e estágio para conhecermos os conhecimentos de nossos ancestrais. Os não indígenas precisam revestir-se das

roupagens dos povos originários para conhecer e gostar de nossos conhecimentos. Os Kumua, Bayaroa e Yaiwa são doutores e pós-doutores de nossos conhecimentos ancestrais, eles possuem comprovadas práticas. Por isso, eu mesmo escrevi:

Os Kumua, os Bayaroa, os Yaiwa, os Yuamua³⁸ e demais masirã (conhecedores) sabem de muitas realidades existentes no cosmo, de espécies vegetais, animais, minerais etc. Conhecem as influências das constelações na vida humana e em diversos mundos, da água, da floresta, das nuvens etc. Eles aprenderam a conhecer os seres que agem no interior de seus patamares e no nosso patamar. Eles conhecem quais são as armas de defesa e de ataque, dos seres pequenos e dos grandes. Esses conhecimentos são transmitidos no cotidiano e nas cerimônias rituais dentro do Basawi (Rezende, 2021, 266-267).

Os dirigentes de muitos cursos universitários do Brasil possuem visão elitista, excluem, marginalizam e desacreditam os conhecimentos dos povos originários. Os nossos conhecimentos são anteriores aos conhecimentos ocidentais que chegaram entre nós. Os nossos especialistas de diversos conhecimentos são deixados de lado, apesar de possuírem longas histórias de cuidado exitoso das pessoas e da biodiversidade. Os Kumua e os Yaiwa tratam muitas pessoas e curam as doenças, mais do que muitos médicos formados nas universidades. Em partes do noroeste amazônico não chegam os médicos, mas os nossos especialistas estão nas aldeias. Os Bayaroa com os seus cantos danças tranquilizam e mantêm as pessoas equilibradas, animadas e protegidas, mais do que especialistas em psicologia com as suas terapias atendem algumas pessoas. Nossos especialistas conhecem bem o significado de diversos ciclos de vida que dinamizam a biodiversidade amazônica, conseguem interagir e conversar com suas línguas xamânicas. Eles não somente observam como muitos cientistas da ecologia, da biologia, medicina, antropologia, etc.

Na atualidade desconhecer e manter-se indiferente frente aos conhecimentos das ancestralidades dos povos originários significa perder oportunidade de ampliar os conhecimentos científicos construídos até o momento. As Universidades brasileiras, deveriam valorizar esses conhecimentos dos povos originários, pois eles caracterizam pelos profundos conhecimentos da biodiversidade do território brasileiro. As marcas principais das Universidades brasileiras deveria ser o domínio dos conhecimentos elaborados a partir dos conhecimentos materiais e imateriais dos povos originários para avançar os conhecimentos científicos elaborados nas universidades nacionais e internacionais.

Nas últimas décadas, favorecida pela Políticas Afirmativas, descendentes dos povos originários ingressam em alguns cursos universitários. Em alguns estados do Brasil, algumas Universidades têm se direcionado mais próximos das comunidades indígenas. Embora, tenhamos essas presenças, percebemos que os olhos que nos veem são cheios de preconceitos, ar de superioridade, cheios de estereótipos, atitudes de discriminação, etc. A nossa presença indígena provoca estranhamento a quem se considera do “grupo da elite” e até os não indígenas que não são da elite nos olham com ar de superioridade. Uma minoria nos olha como diferentes e com capacidade de aprender e contribuir aos cursos com os

³⁸ Yuamua são os especialistas nas narrativas de histórias das origens. Eles também são Kumua e Bayaroa.

conhecimentos de nossos ancestrais. É importante reconhecer, o nosso ingresso nas Universidades não é um presente, mas é resultado das lutas de nossos líderes de diversos estados brasileiros. Muitas lideranças que lutaram nunca estudaram nas Universidades, mas eles lutaram em favor de seus filhos, filhas, netos e seus parentes.

Quando olhamos para as nossas histórias percebemos que a cultura ocidental chegou em nossos territórios com outros interesses, eles não pensam como nós nem agem como nós. Com a cultura ocidental chegou entre nós a escola. Entre nós, ela chegou para civilizar e cristianizar. Quase quinhentos (500) anos depois, a partir da reforma da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) que houve uma nova compreensão jurídica, fazendo com que muitos povos indígenas ou melhor muitas comunidades indígenas tivessem iniciativa de desconstruir a escola de modelo ocidental para pensar num modelo de escola elaborado pelos próprios povos originários. Por terem estudado nessas escolas, muitos estudantes indígenas desejaram ingressar nas Universidades e somente alguns conseguiram ingressar na universidade, que é o espaço ocidental de produção e transmissão de conhecimentos científicos e outros saberes. Tradicionalmente quem estuda na universidade tem o sonho de melhorar o bem-estar de sua elite, de sua família e o bem próprio. Nós indígenas, vejo que somos movidos por outros parâmetros. O primeiro parâmetro é contribuir dentro do curso com os conhecimentos ancestrais. O segundo é assimilar os conhecimentos ocidentais. Vejo-os como campos complementares, não parâmetros opostos. No mundo atual as problemáticas sociais que emergem, mostram que os conhecimentos indígenas desconectados com os conhecimentos ocidentais, não resolvem os problemas pelos quais as sociedades mundiais passam. Fica cada vez mais evidente também que somente os conhecimentos ocidentais não estão dando conta de diversos problemas que elas mesmas geraram.

Os diversos conhecimentos de todos os povos do mundo precisam ser valorizados e utilizados para solucionar os diversos problemas que surgem em todas as sociedades e culturas. Todos os povos têm muitas formas de cuidar bem da vida e ao mesmo tempo sabem que em algumas situações não conseguem cuidar satisfatoriamente. Os povos da América e da Amazônia entendem que as diversas vidas se movimentam e se conectam entre si. As árvores, terra, água, ar, calor, frio, sabores e odores, pássaros, animais e diversidades de seres movimentam-se de maneira complementar. As pessoas são parte pequena e importante desse movimento, pois são as pessoas especializadas que decifram as línguas da biodiversidade, através de sua grande concentração ouvem e conversam com as diversidades de vidas do cosmo. Nobre (2010, 40), falando dos conhecimentos dos povos indígenas, disse:

Os povos indígenas cultivaram e passaram de pai para filho um eficiente bom senso existencial, aprendido escutando seus espíritos e na observação e na vivência da natureza, essa magnificente obra de conforto e estabilidade que a própria vida criou no mundo ao longo de bilhões de anos. Portanto, em suas culturas originais os índios são guardiões ativos de um conhecimento sofisticado e vital para a coexistência e evolução de tudo que é e quer permanecer vivo.

As pessoas que deveriam ser responsáveis e interlocutores principais pelo cuidado das vidas têm dificuldades de respeitar a biodiversidade, todas as pessoas e os seres cósmicos se prejudicam. Eu trato da biodiversidade a partir da nossa história de origem que começa com a Cobra-de-Cobra, que veio parando em diversos lugares desde Ôpekõtaro (lago de leite) até chegar aos territórios habitados pelos povos originários na atualidade. Na nossa cosmovisão cada lugar que a Cobra-de-Pedra fez a sua parada, estava demarcada como nosso território e nosso patrimônio: as praias, pedreiras, lagos, floresta, tipos de árvores na beira do Oceano Atlântico, do Rio Amazonas, Rio Negro, Rio Uaupés e suas calhas forma o nosso território. Na nossa cosmovisão são nossas Casas. Os europeus que chegaram depois foram invadindo e ocupando essas Casas. Na visão deles são todos territórios desabitados. Transformaram nossas Casas de origem, em vilas e cidades.

Apesar das destruições e modificações geográficas ao longo da história para nós, em nossos mapas xamânicos, continuam existindo e nunca deixarão de existir como nossas Casas, pois nelas estão as nossas raízes culturais. Esses lugares e o que se fez em cada lugar, são conteúdos cerimoniais de nossas festas em nossas atuais Casas cerimoniais. Aqui se atualiza o que aconteceu nas Casas primordiais, as memórias do que se fez lá, são narradas nos momentos de narrativas cerimoniais. Aquelas Casas e o que foi feito nela seguem sendo esteios de nossas culturas e de nossas cerimônias rituais.

Na década do ano de 2000 os meus parentes Tuyuka, Tukano, Piratapua, Desana, através da organização da Escola Tuyuka, Instituto socioambiental e a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)³⁹ realizaram uma viagem desde a cidade de Manaus – São Gabriel da Cachoeira – Iauareté, para conhecer presencialmente essas Casas de origem. Eles constataram que realmente esses lugares existiam, não era imaginação nem invenção de nossos mestres cerimoniais. Os nossos sábios das cerimônias rituais, apesar de nunca terem conhecido tais Casas/lugares, têm em suas memórias informações bem corretas e nas cerimônias atuais narram em detalhes o que lá aconteceu. As cerimônias de cantos e danças e outras cerimônias, querem manter o equilíbrio da vida cósmica, a partir das Casas de origem. Tenório, conta (2012: 48):

Quando começamos a pensar no registro, no princípio parece animador, é uma apropriação da cultura escrita, vai facilitar! Mas não é bem assim. Para o registro escrito, de qualquer forma tem que ter uma oralidade forte, conhecimento tem que ser oral e forte. É como os brancos, quando registram é porque todo mundo fala, todo mundo conhece, todo mundo se interessa pelo conhecimento.

³⁹ A FOIRN, possui as seguintes Linhas de Atuação: *Economia Sustentável*: cestaria, cerâmica, bancos tradicionais, artesanatos em geral, pimentas, beijos, farinha e todos os alimentos do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro constituem cadeias produtivas que valorizam nossa cultura e biodiversidade. *Monitoramento Ambiental e Climática da Bacia do Rio Negro*: através da rede de agentes indígenas de manejo ambiental (Aimas) monitoramos o clima e o meio ambiente na Bacia do Rio Negro. Promovemos estudos interculturais e valorizamos o conhecimento dos antigos sobre o território onde vivemos. *Governança Territorial e Ambiental*: com nossos planos de gestão territorial e ambiental (PGTAS) sabemos o que queremos para o presente e futuro em nosso território ancestral, hoje terra indígena demarcada de acordo com a Constituição. *Fortalecimento das Associações*: Representamos cerca de 90 associações de base e temos como compromisso fortalecer seus projetos em diferentes áreas, como cultura, educação, desenvolvimento econômico, saúde e meio-ambiente. (cf. foir.org.br)

Os conhecimentos dos povos originários estão em condição de contribuir com o cuidado do cosmo juntamente com outras ciências ocidentais. Sendo povos originários não devemos permanecer na condição de vítimas dos sistemas ocidentais, pois através de nossos conhecimentos temos gerado o equilíbrio da ecologia, da floresta, dos rios, animais, pássaros, etc. Os nossos especialistas (Kumua, Bayarua, Yaiwa e Yuamua) não são reféns às regras ocidentais e universitárias. Eles seguem outros parâmetros científicos originários e seguem outras ordens cósmicas.

O legado de conhecimentos recebidos de nossos ancestrais precisa ser valorizado e atualizado com novos conteúdos e novas metodologias. Além de escrever sobre os conhecimentos ancestrais, precisamos exercitar a prática, para torná-los efetivos no cuidado da saúde das pessoas, curar as enfermidades que surgem e atingem as pessoas, criar harmonia, combater os seres e as pessoas que querem destruir a biodiversidade. Precisamos criar outras fórmulas de proteção da vida da pessoa e do cosmo. Do contrário, pode acontecer aquilo que Tenório (2012, 48), disse:

As mudanças de estilo de vida, da economia indígena... levam ao risco de deixar os conhecimentos tuyuka para um plano cada vez mais distante, pouco efetivo, tornando-se objetivo de um registro que não traz de volta, ao contrário, contribui para realizá-lo.

A grande contribuição dos conhecimentos dos povos originários no campo de biodiversidade é compreender que ela só compreendida na medida que as pessoas entenderem que a interdependência e interligação das vidas fará emergir nova visão política de preservação e não de destruição. É importante entender que aquilo que a ciência denomina de natureza para os povos originários são vidas que precisam ser respeitadas, dialogadas, ouvidas, vistas, valorizadas, etc. Essas vidas (natureza) não estão aí para serem destruídas. Precisamos cuidar cada vez melhor e investir na formação dos cuidadores. Ortiz (2012, 54-55), conta:

La iniciativa de recuperación y ordenamiento del conocimiento mediante la metodología de investigación local es resultado de varios años de acompañamiento a los procesos organizativos de las comunidades que viven en este río y ha sido promovido de manera concertada entre las Autoridades Tradicionales Indígenas del río Pirá-Paraná, las comunidades indígenas, su Asociación ACAIPI⁴⁰ y la Fundación Gaia-Amazonas.

Os povos originários do noroeste amazônico são melhores cuidadores de seus territórios. Nessa perspectiva, temos que entender a nossa presença nas escolas e universidades de modelo ocidentais, precisa realizar um sério trabalho de descolonização das ideologias, conceitos, conhecimentos, currículos, linguagens, metodologias, etc. Devemos cultivar o diálogo amplo com o mundo global a partir do nosso olhar local, indígenas. O fio-ideológico dos cursos de Licenciaturas promovidas em territórios dos povos originários precisa de descolonização, onde os próprios formadores (professores) precisam ser indígenas (especializados, mestres, doutores, pós-doutores). Porém, percebemos que todos esses indígenas estudaram nas Universidades, fora dos territórios indígenas. São poucos professores indígenas que atuam

⁴⁰ Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas del río Pirá-Paraná.

nesses cursos universitários, mas precisa aumentar a participação indígenas. A descolonização universitária é para afirmar que as culturas indígenas são muito importantes para a ciência mundial.

Para nós indígenas a descolonização passa pelo questionamento se estamos vivendo ou não no mundo colonizado. O processo de descolonização começa quando a gente pensa diferente, indígena pensa diferente, posiciona-se ativa e diferentemente frente à ideologia dominante, colonizadora e afirmar a importância das culturas nossas, fortalecer as nossas culturas e nosso pensar indígena, evitar cair na dicotomia de dizer que o pensamento indígena é bom e o pensamento ocidental é melhor. Devemos apoderarmo-nos da ideologia do diálogo de iguais e não de desiguais. Assumir o papel de sujeitos da história indígena. No mundo que fala frequentemente da interculturalidade, nós indígenas devemos dar enfoque mais indígena, pois muitas vezes os nossos discursos indígenas expressam muitos componentes colonizadores. Precisamos cultivar a filosofia intra-cultural antes da intercultural, descolonizar os nossos discursos e criar práticas consistentes dos povos indígenas. Devemos promover processos de reconhecimento dos indígenas como pessoas, reconstituir (reconstruir) nova identidade indígena, com novos pensamentos, capacidade de fazer trocas com outras culturas, construir histórias para novas gerações e seguir questionando e dando respostas para a questão: *como nós queremos que seja a nossa cultura?*

Os conteúdos apresentados nesse capítulo inspiram-se nos conhecimentos dos povos originários do noroeste amazônico. Na atualidade, os especialistas tradicionais de cada povo, pessoas que passaram pelas escolas e universidades, líderes do Movimento Indígena, instituições aliadas às questões indígenas e os governantes públicos devem trabalhar juntos para aperfeiçoar conhecimentos e garantir a sustentabilidade do patrimônio territorial para os povos originários e para outras sociedades.

REFERÊNCIAS

- Barreto, J. P. L. (org.). *Omerô: constituição e circulação de conhecimentos Yépamabsã* (Tukano), Universidade Federal do Amazonas, Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), Manaus: EDUA, 2018.
- Cabalzar, A. (org.). *Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro, noroeste amazônico*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010.
- Cabalzar, A. (org.). *Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia*. São Paulo: ISA-Instituto Socioambiental, 2006.
- CAYÓN, L. Lugares sagrados y caminos de curación – apuntes para el estudio comparativo del conocimiento geográfico de los tukano oriental. In: ANDRELLO, G. (Org.) *Rotas de transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012. p.168-94
- Diakara, J. *Numiã amũkã wehta niãse: um ensaio sobre fermentos entre os Desana*. In: Rezende, J. S. (org.) *Paneiro de saberes: transbordando reflexividades indígenas*. Brasília – DF, Mil Folhas, 2021.

- Nobre, A. D. *Floresta e clima: saber indígena e ciência*. In: Cabalzar, A. (org.). *Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro, noroeste amazônico*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2010.
- Ortiz, N. *Tras las huellas de nuestro territorio: “La recuperación y ordenamiento del conocimiento que nos fue entregado por nuestros ancestros para cuidar el territorio y la vida*. In: Andrello, G. (org.). *Rotas de transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.
- Rezende, J. S. (org.) *Panela de saberes: transbordando reflexividades indígenas*. Brasília – DF, Mil Folhas, 2021.
- Rezende, J. S. *A festa das frutas: uma abordagem antropológica das cerimônias rituais entre os Utâpinopona (Tuyuka) do alto rio Negro*. Manaus, UFAM [tese], 2021.
- Tenório, P. H. P.; Cabalzar, A. *No caminho da Cobra de Pedra: narrativa da transformação e lugares importantes para os Tuyuka do alto Rio Tiquié*. In: *Rotas de criação e transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo, Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

Índice Remissivo

A

ADO 26, 238, 262
Amazônia, 6, 7, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72,
73, 74, 75, 144, 152, 249, 250, 251, 252, 255,
256, 257, 258, 259, 260

B

Brasil, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 43, 45, 46,
47, 49, 52, 54, 56, 238, 239, 240, 241, 242,
243, 244, 245, 247

C

Covid-19, 157, 169, 172, 176
Criminalização, 244

E

Ecosocialismo, 192, 205
Estados Unidos, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24,
25, 26, 27, 28, 29

F

Facções, 70, 74
Fórum Social da Pan-Amazônia, 179
FOSPA, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189,
190, 191

G

Geografia, 62, 67

H

Homofobia, 245

M

Mineração, 126, 127, 251, 252, 258

N

Neoliberalismo, 181

S

Saúde, 6, 7, 8, 9, 13

Os organizadores



Tiago Siqueira Reis

Professor do curso de Licenciatura Intercultural, no Instituto de Formação Superior Indígena - Insikiran, da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em História pela Universidade Nova de Lisboa/Portugal, linha de pesquisa História Contemporânea. Pós-doutor no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Licenciado em História e Sociologia, e bacharel em Turismo. Contato: siqueira.treis@gmail.com



Evânio Mascarenhas Paulo

Professor Adjunto, nível A, na Universidade Federal de Roraima, onde ocupa o cargo de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras. Doutor em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul. Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará. Graduado também em Economia pela Universidade Regional do Cariri. Linhas de pesquisa: ciência social, em especial à Ciência Econômicas, sendo que elas estão contidas em revistas, livros e anais de congressos, tanto nacionais como internacionais, de reconhecida notoriedade. Contato: evanio.paulo@ufrr.br



9786585756488



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br